

Daniela Martins Pereira

**EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DA FÉ E DESENVOLVIMENTO
HUMANO**

Trabalho apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, do Curso de Psicologia, da Universidade São Francisco, como requisito básico para aprovação da disciplina, sob a orientação da Profª Patrícia Pazinato.

São Paulo

2008

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o tema Experiência Religiosa da Fé e o Desenvolvimento Humano, a partir do referencial da psicologia. Partindo desse referencial, esse trabalho propõe uma discussão entre os autores que abordam a questão da experiência religiosa, o que é considerado o objeto de estudo da Psicologia da Religião.

O assunto da religiosidade tem encontrado espaço para discussões no campo da psicologia. Teóricos de diversas correntes da psicologia abordam o tema, pois a vivência religiosa é algo presente na vida de um relevante número de pessoas, mas, cada uma com sua experiência em particular.

O interesse pelo estudo desse tema surgiu ao longo da vida da pesquisadora, a qual participou e observou informalmente comunidades de diferentes religiões como o protestantismo, catolicismo, budismo, entre outras, pessoas que por meio da experiência religiosa, obtiveram bem estar de saúde, sentiram-se mais felizes e tiveram benefícios na qualidade de vida.

Portanto, procurou-se compreender neste trabalho, se existe, a relação: da experiência religiosa da fé com a promoção de saúde e verificar os efeitos emocionais da experiência da fé. Explorou-se também os aspectos psicológicos da experiência da fé religiosa e, sua relação na vida do ser humano.

Para a realização dessa pesquisa de caráter exploratório e qualitativo, a escolha do material utilizado se realizou em dois momentos. Primeiramente realizamos um levantamento bibliográfico no referencial teórico da psicologia, explorando os autores das diferentes abordagens do campo psicológico, a fim de verificar como o tema da religião foi abordado e discutido pelos autores. Em um segundo momento se realizou leituras e, as escolhas dos textos que retratavam sobre o tema Psicologia e Religião com enfoque na experiência religiosa da fé e o desenvolvimento humano, extraído das bases de dados www.bvs-psi.org.br, www.dedalus.usp.br, www.bireme.br e nas bibliotecas das Universidades: São Francisco, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC e Universidade de São Paulo – USP, utilizando artigos científicos, livros específicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Portanto, este estudo objetiva-se em discutir à luz do referencial teórico da psicologia a experiência religiosa da fé e o desenvolvimento humano.

1. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

1.1 A Psicologia da Religião

A psicologia da religião nasce na década de 1880. Seu nascimento está associado entre outros autores a Starbuck, Wilhelm Wundt, William James, James H. Leuba, Sigmund Freud, C.G Jung. Caracteriza-se por ser a perspectiva da psicologia no estudo da religião. De acordo com Ávila (2003) professor de Psicologia do Instituto de Pastoral e da Faculdade de Teologia São Dâmaso, em Madri, a psicologia da religião, desde seu nascimento é um campo suspeito, pois, por alguns é acusada de irreligiosa, outros, as exceções, consideram que deve ser desenvolvida a partir das instituições religiosas.

Com notáveis transformações teóricas e metodológicas, perdura até os nossos dias, o estudo do fato religioso por parte da psicologia. Em meados dos anos 1960, essa orientação se viu enriquecida com uma nova forma de apresentação das coisas, que passou à literatura com o enfoque “psicologia e religião” (Parsons, Jonte-Pace, 2001, p.2). Com essa nova orientação se pretende não fazer um estudo da religião a partir da psicologia, mas um diálogo mútuo entre a psicologia e religião. Um difícil diálogo, mas que encontra seu ponto de união na “busca de sentido do ser humano”.

Há os precursores da temática que se tornou necessária nos estudos da história da psicologia, a religião. Com isto, apresentaremos alguns dos autores que foram marcantes tornando-se referência no assunto da psicologia da religião, dentre eles temos:

Jung nasce na suíça, filho de um pastor protestante e filólogo arabista. Sua mãe, por sua sensibilidade, passava grandes momentos em depressões, sendo as relações do casal conflituosas. Tal relação deixou marca profunda em sua personalidade. Em um de seus diversos trabalhos, Jung foi convidado pela Universidade de Yale com a oportunidade de trazer sua contribuição para o esclarecimento do problema da religião. Em sua fala, Jung considera que sua tarefa seria mostrar o que o ramo da Psicologia médica, da qual era representante, tinha a ver com a religião...

Visto que a religião constitui, sem dúvida alguma, uma das expressões mais antigas e universais da alma humana, subtende-se que todo o tipo de psicologia que ocupa da estrutura psicológica da personalidade humana deve pelo menos constatar que a religião, além de ser um fenômeno sociológico ou histórico, é

também um assunto importante para grande número de indivíduos. (JUNG, 1978, p.6)

Observa-se que na concepção de Jung a religião além de ser um fenômeno sociológico ou histórico, é também um assunto importante para grande número de indivíduos, assim como outros autores consideram a religião um tema a ser discutido na psicologia. Assim como Jung faz referência a William James, esse é um dos pioneiros a tratar do assunto da religiosidade na perspectiva psicológica.

Em seus estudos William James foi um filósofo e psicólogo, considerado, ao lado de Charles Sanders Peirce um dos fundadores do pragmatismo o qual escreveu livros influentes sobre a jovem ciência da psicologia, as variedades da experiência religiosa e do misticismo e a filosofia do pragmatismo.

Segundo Ballone (2005) William James rejeitava absoluto, tais como “Deus”, “verdade” ou “idealismo”, em favor da experiência pessoal e da descoberta do que funciona para o auto-aperfeiçoamento de uma pessoa. Um freqüente tema em suas obras é que a evolução pessoal é possível que todos têm uma capacidade inerente de modificar ou mudar comportamentos e atitudes. Ele conclui que há um depósito de experiências latentes ou realizadas que subjaz ao impulso em direção ao crescimento. É esta a fundamentação das idéias práticas e sensíveis que James desenvolveu para serem usadas. A maior expressão deste núcleo subjacente é exemplificada, para James, nas experiências religiosas. Tais experiências não têm uma saída intelectual própria, mas pertencem a uma região mais profunda, mais vital e prática do que aquela ocupada pelo intelecto, por isso são também indestrutíveis a argumentos e críticas intelectuais. Para James:

Tornamo-nos, portanto convincentemente conscientizados da presença de uma esfera de vida maior e mais poderosa do que nossa consciência habitual...As impressões, impulsos, emoções e excitações que desde então recebemos ajudam-nos a viver, encontram uma segurança invencível em um mundo além dos sentidos, derretem nossos corações, transmitem significado e valor a tudo e fazem-no, felizes.(JAMES *apud* BALLONE, 2005, p.3).

No início da psicologia no século XIX surge Wilhelm Wundt (1830-1920) o qual é considerado o primeiro psicólogo a desenvolver a psicologia como uma ciência autônoma. Em seus estudos, o autor contribuiu de maneira decisiva o estudo psicológico da religião, porém sob uma ótica diferente dos autores citados até o momento, pois Wundt atuava no campo da psicologia experimental.

Para Wundt, a psicologia era a ciência da experiência e os seus dados eram os fenômenos. Segundo Filoramo (1999) sua função consistia em decompor os elementos que formavam os processos conscientes e descobrir as leis que os ligavam entre si,

porém, tais elementos não eram unidades estáticas, mas processos mentais dinâmicos. Wundt destacou a importância da lei da causalidade psíquica, que atua como um momento do paralelismo psicofísico e, outro aspecto também importante de sua psicologia, é a lei das relações psíquicas, segundo a qual todo conteúdo psíquico adquire significação a partir de suas relações. De acordo com Filoramo (1999) as grandes religiões são explicadas por Wundt seguindo um típico esquema evolutivo, em sua gênese, como representações fantásticas projetivas, ligadas a reações psicológicas diante do ambiente externo.

Outro não menos importante autor da psicologia na exploração desse tema seria Leuba o qual segundo Filoramo (1999) fora um importante colaborador no tema da religião, pois sempre foi um apaixonado estudioso da religião; assim seus trabalhos científicos voltaram-se para a Psicologia da Religião.

Filoramo (1999) nos mostra em seu trabalho que Leuba se considerava um idealista empírico o qual se encarregou de pesquisar, em base empírica, o complexo mundo das experiências religiosas, para compreender não somente sua gênese, mas, seguindo uma orientação que o pragmatismo ajudara a afirmar, também a sua função e o seu objetivo. Darwinianamente, a religião era para Leuba uma realidade biológica, isto é, um modo de comportamento adotado pelo sujeito em sua luta pela vida, tendo como principal objetivo alcançar a salvação material e espiritual.

1.2 A Experiência Religiosa

Segundo Valle (1998) para explicar o que para ele seria experiência religiosa, o autor fez menção do termo alemão *Erlebings*. Essa palavra significa experiência, e pelo povo alemão, ela é utilizada sempre que a experiência está no sentido de algo *fundo*, vivenciado desde *dentro* e dotado de um sentido ou valor evidente em si para o indivíduo. Tal palavra traz consigo um sentido de emocionalidade a qual é traduzida nos dicionários por vivência. Portanto a ênfase está mais na vivência da pessoa do que naquilo que lhe é ensinado ou aprendido a partir de fora, isto é, pelos sentidos fisiológicos ou influências sociais.

Importantes autores como AmatuZZi ressaltam a importância da experiência religiosa na vida do indivíduo ressaltando que “...a experiência religiosa tem uma repercussão direta na vida da pessoa. Ela é tal que transforma ou modifica a vida” (AMATUZZI, 1997, p.35).

E segue: “ A experiência religiosa abre a pessoa para um mundo inteiramente novo e diferente do cotidiano, do qual só é possível dar conta a partir de dentro dele mesmo” (AMATUZZI, 1997, p. 37).

Na obra de Valle (1998), o autor cita diversos autores que foram destaques no tema psicologia e experiência religiosa, dentre eles o autor menciona W. James o qual concentra seu interesse na experiência direta e imediata do religioso, pois aí estaria a fonte do conhecimento psicológico da religiosidade humana. A fé religiosa necessita ser submetida a uma avaliação empírica de sua validade psicológica humana. O autor ainda contribui sobre a fé religiosa da seguinte maneira:

Sua veracidade não é uma questão metafísica e sim de ponderação dos efeitos que ela provoca em que o princípio de aferição da veracidade psicológica dessa experiência pervasiva é o mesmo que se usa na ciência: sua fecundidade teórica e aplicada. (VALLE, 1998, p. 80).

Ávila (2003) assinala cinco pontos, junto ao termo experiência religiosa, utilizadas na literatura psicológica:

1. As experiências procedentes de um conhecimento intuitivo, estável e habitualmente acessível;
2. As vivências, freqüentemente afetivas, que surpreendem o indivíduo, o interpelam e o transformam momentânea ou perenemente;
3. O conhecimento fruto de um contato pessoal e prolongado;
4. As iluminações místicas culminantes de um processo;
5. As visões e revelações privadas. (ÁVILA, 2003, p. 98).

O autor coloca ainda a dificuldade que foi para a psicologia compreender a religiosidade das pessoas, sendo de difícil precisão e observação, indicar onde termina propriamente a experiência religiosa, indicar quando ela é a vivência que motiva e sustenta os comportamentos e as atitudes religiosas, e quando não há mais que atos vazios de experiência.

Ao observar as colocações dos autores citados sobre o tema abordado, vemos que a maioria deles citam em referência de experiência religiosa a experiência mística, como algo vivenciado na experiência da religiosidade. Vejamos a seguir sobre tais vivências.

1.2.1 Mística e experiência religiosa

O termo mística procede do grego e significa fechar os olhos. Nessa perspectiva o autor define da seguinte forma:

É um fechar de olhos não com o desejo de fugir da realidade, de se distanciar dela, mas com a intenção de não se deixar enganar pelo imediato recebido pelos sentidos, de entrar na realidade de uma forma mais profunda, chegando a captá-la em plenitude. Não é, portanto, um processo de distanciamento, mas de maior comunhão. É uma tentativa de escuta da própria profundidade do ser. (ÁVILA, 2003, p. 105).

De acordo com Valle (1998) há uma distinção entre a experiência mística e a experiência religiosa. O autor cita que:

A pessoa chamada de mística é usualmente a que tem ou julga ter uma capacidade fora do comum para captar e entrar em contato – por meio de insights, terceiras visões e dons preternaturais – com os segredos do conhecimento, da vida íntima e do poder de Deus. As vivências acusadas por tais pessoas tangenciam o campo nada fácil da magia, que não pode sem mais ser separado da religião (VALLE, 1998, p. 59).

Contudo o autor ainda coloca que, até pouco tempo, tal estado era visto como algo excepcional, diferente da experiência religiosa do homem comum, considerada normal.

Essa definição do termo mística varia de acordo com os autores, pois cada um aborda o termo com diferentes conotações, mas sempre referindo à experiência da religiosidade, apenas colocam de modos diferenciados.

Já conforme Ávila (2003) o autor utiliza a experiência mística, ou mística como é chamada, para assinalar o ápice da experiência religiosa, destacando que não é um tipo concreto de experiência religiosa diferente, mas de intensidade da vivência religiosa, em que nela podem ocorrer êxtases acompanhados ou não de outros fenômenos extraordinários, como visões, vozes, levitações etc., ressaltando que os êxtases não sejam necessários para a experiência mística.

Importante salientar que a experiência mística, ou mística, está atrelada à experiência religiosa e, portanto, é destacada nesse trabalho afins de pontuar sua relevância nos estudos da experiência religiosa, uma vez que a mística é algo presente em todas as culturas, porém de formas variadas.

1.2.2 O efeito da Fé na Experiência religiosa

A fé é algo universal, independente da crença e da cultura, o homem busca respostas em algo que está além da sociedade, além das regras impostas pelo cotidiano e muitas vezes, além da medicina e da ciência.

Tentando compreender o sentido do termo buscando em dicionário, o Larousse da língua Portuguesa define a fé como:

1. Adesão total do homem a um ideal que o excede, a uma crença religiosa. - 2. Fidelidade em honrar seus compromissos; lealdade garantia. - 3. Confiança em alguém ou em alguma coisa. - 4. Crença nos dogmas de uma religião; esta mesma religião. - 5. Crença fervorosa. - 6. Afirmação, comprovação. - 7. Dar fé de notar, tomar conhecimento. (LARROUSSE, 2001, p. 424)

De acordo com a Bíblia Sagrada Cristã, (1997) no livro do novo testamento carta aos Hebreus capítulo 11 e versículo 1º, o autor aborda a fé da seguinte maneira: *"Ora, a fé é firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem"*.

Neste contexto vemos a fé como o agir sobrenatural, isto é, a crença em algo que não existe leva o homem a conquistar seu objetivo através da fé.

De acordo com Fabry (1984), em A Busca do Significado, o homem tem fé na existência de uma dimensão divina, mas, ainda que seja incapaz de concebê-la, sente a necessidade de estabelecer uma relação com este mistério. A base da religião seja qual for o nome que chamemos, não pode desintegrar-se, diminuir ou desaparecer, porque é eterna e infinita. A religião recobrou hoje, o caráter existencial que possuía nos tempos bíblicos: não lhe interessam as teorias religiosas, senão a experiência cotidiana. O que interessa ao homem é aprender a viver de acordo com as suas potencialidades, a suportar o sofrimento inevitável, a viver diante de uma constante incerteza e a encontrar sentido e conteúdo em sua existência individual.

Pereira (2003, p.5) foi um autor que procurou compreender a problemática da fé no âmbito da psicologia e o psicológico como elemento presente no ato de crer, para ele

a fé é um fenômeno pessoal e exclusivo do sujeito que crê, vinda de áreas profundas de seu inconsciente, e é impulsionada pelo numinoso,

independentemente da vontade. Logo, ela não é senão um fenômeno psicológico, embora seja transcendente e tenha sua origem primordial no divino.

Ainda na visão de Pereira (2003), os conteúdos conscientes e inconscientes são o que constituem a fé em um nível da relação do sujeito que crê com a divindade, ou seja, uma realidade exterior, o meio ambiente e, uma realidade interior, o eu. O ato de crer, que se constitui na fé, não é processado somente por uma decisão consciente e espontânea do sujeito, mas é movido por impulsos mais profundos, oriundos de substratos inconscientes podendo muitas vezes se manifestar como ação volitiva ou decisão racional. Isto nada mais é do que racionalizações, para alívio das tensões produzidas por sentimentos não compreendidos.

A fé para o autor é:

inseparável do ser humano, pois se constitui em atributo essencial da existência, pela própria natureza, está intimamente ligada à realidade psicológica do ser que crê, pois envolve sentimentos, emoções, vontade, desejos, atitudes e demais aspectos da personalidade (PEREIRA, 2003, p. 23).

Alguns autores ao abordar o tema sobre a fé demarcam-na em territórios específicos como fé cristã, fé judaica, isto é, trabalham sob a visão de religiões específicas. Portanto não podemos deixar de citar suas importantes contribuições sobre o assunto.

Bürki (1979), em seu trabalho “Psicologia e a Realidade da Fé Cristã”, em uma abordagem jungiana sobre os aspectos projetivos da fé, afirma que *“a psicologia, longe de ser uma ameaça à validade da fé cristã, pode ajudar-nos a compreender melhor nossas próprias reações, a fim de que possamos aprender a nos conhecermos melhor a nós próprios, a nosso próximo e a Deus”*.

Sendo assim, segundo Pereira (2003) a fé pode ser entendida como

“a resposta à dúvida, em que o ser humano é levado pela necessidade premente buscando a solução do que lhe perturba o ser. Pressionado pelas possíveis conseqüências de seu mal e a reposta, também desconhecida, mas esperada, do objeto de sua fé, ele cegamente salta na aventura da incerteza, esperançoso da resposta certa do divino no qual crê. Isto é fé, é confiar em meio à desconfiança” (PEREIRA, 2003, p. 26)

1.3 Fé e Promoção de saúde

Esta discussão trata-se de dois trabalhos escritos por diferentes autores, porém, ambos abordam a questão da Religiosidade e Saúde Mental. O objetivo deste relatório é elucidar as propostas de ambos autores no que cada um se assemelha e divergem em suas idéias.

A Religiosidade e a Saúde Mental são assuntos que estão sendo alvos de estudos e pesquisas, pois busca-se explorar a experiência da fé religiosa no benefício das pessoas e como essa afeta diretamente o indivíduo.

De acordo com Moreira-Almeida, Lotufo Neto e Koenig (2006, p.242) os estudos de boa qualidade apontam que os níveis mais elevados no envolvimento religioso associam-se de forma positiva a indicadores de bem estar psicológico “...*(satisfação com a vida, felicidade, afeto positivo e moral mais elevado) e a menos depressão, pensamentos e comportamentos suicidas, e uso/abuso de álcool/drogas*”.

Neste trabalho os autores trabalharam com diversas bases de dados resultando em 850 artigos publicados no decorrer do século XX, incluindo contextualização histórica e metodológica, artigos publicados após 2000 e também pesquisas conduzidas no Brasil.

Ao concluir este trabalho os autores contribuem dizendo que as evidências confirmam que o “*envolvimento religioso habitualmente está associado a melhor saúde mental*” (Moreira-Almeida; Lotufo Neto; Koenig, 2006, p.243).

Em outro contexto de acordo com o autor Dalgarrondo (2006) nos traz que as pessoas que se consideram mais religiosas, tais como participantes nas atividades religiosas, “...*como freqüência a cultos, orações e leitura de textos religiosos também apresenta maior bem estar psicológico*”.

Dalgarrondo (2006) associa que vários fatores e vários fenômenos aja em sinergia:

... o apoio social dos grupos religiosos, a disponibilidade de um sistema de crenças que propicia sentido à vida e ao sofrimento, o incentivo a comportamentos saudáveis e regras referentes a estilos de vida propiciadores da saúde (relacionados à alimentação, ao uso de substâncias, ao comportamento sexual, à criação dos filhos, etc.).

O autor coloca uma importante observação dizendo que: um dos pontos que gera limitações nesta linha de pesquisa é que grande parte das pesquisas que demonstram a ação positiva da religião é que quase foram totalmente realizadas num contexto cultural anglo-saxão sendo a maioria nos EUA, Canadá e Europa ocidental.

Segundo Dalgarrondo (2006):

“ Abordar a religiosidade como algo homogêneo e universal, torna-la quase um fenômeno natural, diretamente analisável e generalizável por procedimentos epidemiológicos e psicométricos, implica no risco de se perder o que há de mais original e próprio dessa dimensão da experiência humana: o seu caráter social, histórico, essencialmente simbólico”.

De acordo com a visão destes dois trabalhos e autores, podemos observar que ambos se complementam nos aspectos dos benefícios que a religiosidade pode contribuir na vida do indivíduo agindo positivamente sobre a saúde mental daqueles que se consideram mais religiosos. Eles colocam de forma clara a eficácia das atividades religiosas tais como, orações, freqüência nos cultos e leitura de textos para os que se consideram mais religiosos, trazendo um bem estar psicológico.

No trabalho de Dalgarrondo (2006) vimos o quanto ele acentua a importância do contexto social cultural e o quanto a religião é importante para cada indivíduo, enquanto que no trabalho de Moreira-Almeida, Lotufo Neto e Koenig (2006) eles apontam mais a conexão entre a religiosidade-saúde mental com as implicações clínicas e a compreensão dos fatores mediadores desta associação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação aos objetivos propostos, ao explorar os aspectos psicológicos da experiência da fé religiosa existe a possibilidade de tal experiência influenciar na construção e na transformação da subjetividade do ser humano.

O trabalho apresentado demonstrou que podem existir relações entre a Psicologia e a Experiência Religiosa, pois uma vez que as vivências envolvem os aspectos psicológicos do indivíduo, esse ao ser envolvido com a religiosidade, passa por vivências que englobam os sentimentos, despertam emoções, modificando algo que poderá permitir novas experiências ao indivíduo.

A fé conforme averiguado nos trabalhos encontrados, pode vir a ser um facilitador na busca da promoção da saúde interferindo positivamente para uma vida mais amena, sendo uma forma de confortar-se diante de um possível mal, pois de acordo com alguns autores, a pessoa ao se refugiar em algo que vai além de suas capacidades e limitações, isto é, um ser divino, ela procura atingir seus objetivos e até mesmo alcançar benefícios ao que se refere a promoção da saúde

Portanto é relevante incentivar que sejam produzidos mais trabalhos referentes à Psicologia e Religião: fé e promoção de saúde verificando os efeitos emocionais da experiência da fé na vida do ser humano, principalmente no que se relaciona ao que a Psicologia tem a explicar sobre estes processos.

Contudo, não pretendemos dar o assunto por acabado, mas sim que este trabalho possa contribuir para o conhecimento do tema aqui estudado.

REFERÊNCIAS

- AMATUZZI, Mauro Martins. **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005
- _____. **A experiência religiosa: uma pesquisa em andamento. A psicologia e o Senso Religioso: Anais do Seminário**. Ribeirão Preto, 1997.
- ÁVILA, Antonio. **Para conhecer a Psicologia da Religião**. São Paulo: Loyola, 2003.
- BALLONE, GJ - *William James*, in. **PsiquWeb**. Disponível <www.psiqweb.med.br>. >. Acesso em: 25 abr. 2008.
- BAPTISTA, Adriana Said Daher. **Estudo sobre as práticas religiosas e sua relação com a saúde mental de idosos: um estudo na comunidade**. São Paulo: s.n, 2004
- BÜRKI, Hans. **Psicologia e a Realidade da Fé Cristã**. São Paulo: ABU, 1979
- CAMPOS, L. F.L. **Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia**. São Paulo: Alínea, 2004.
- CAMPBELL, Joseph. **Isto é tu: redimensionando a metáfora religiosa**. São Paulo: Landy, 2002.
- DALGALARRONDO, Paulo. Relações entre duas dimensões fundamentais da vida: saúde mental e religião. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. São Paulo, V. 28 (3), 177:178, 2006. Disponível em <www.scielo.br>. Acesso em: 13 set. 2007.
- DROGUETT, Juan Guillermo. **Desejo de Deus: diálogo entre psicanálise e fé**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FABRY, Joseph B. **A Busca do Significado**. São Paulo: ECE, 1984.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2006.
- GOLDSMITH, Joel S. **A Arte de Curar pelo Espírito**. São Paulo: Alvorada, 1976
- JORGE, Pimentel Cintra, **Deus e os Cientistas**. São Paulo: Quadrante, 2006.
- JUNG, Carl Gustav, **Psicologia e Religião**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.
- LUKAS, Elisabeth. **Psicologia Espiritual**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- MARINO, Jr Raul, **A Religião do Cérebro: As novas descobertas da neurociência à respeito da fé humana**. São Paulo: Gente, 2006.
- MOREIRA, A.A. et al. Religiosidade e saúde mental: uma revisão. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. São Paulo, V. 28 (3), 242:250, 2006. Disponível em <www.scielo.br>. Acesso em: 13 set. 2007.

PAIVA, Geraldo José, **A Religião dos Cientistas: Uma Leitura Psicológica**. São Paulo: Loyola, 2000.

PEREIRA, José. **A fé como fenômeno psicológico**. São Paulo: Escrituras, 2003.

VALENTE, Nelson. **Psicanálise Freudiana**. São Paulo: Panorama do Saber, 2002.

VALLE, Edênio. **Psicologia e experiência religiosa**. São Paulo: Loyola, 1998.